

2 - ROGER CHARTIER, O UNIVERSO SIMBÓLICO E A ESCRITA DA HISTÓRIA

Junio Cesar Rodrigues Lima¹⁴⁶

A presente publicação se propõe a analisar o artigo “O mundo como representação”, de Roger Chartier; texto publicado na revista *Annales* número 6 em novembro/dezembro de 1989, onde, evocando o editorial da primavera de 1988, Chartier questiona o postulado de uma crise geral das ciências sociais e a não aplicabilidade de tal crise à história, até então, considerada por alguns historiadores como uma disciplina sadia e vigorosa, apesar de enfrentar um período de incertezas.

“O mundo como representação” faz parte do livro “À beira da falésia. A história entre incertezas e inquietudes”, do mesmo autor, publicado pela editora UFRGS, em 2002. O texto que serve como referência para esta análise se trata de uma publicação autorizada pela revista *Annales*, disponibilizado pela revista Scielo Brasil – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Eduard Carr, em seu livro “Que é história?”, afirma que a primeira preocupação do historiador, ao se debruçar sobre uma obra historiográfica, não deve ser com os fatos que ela contém, mas, com aquele a produziu. Segundo ele, os fatos não chegam diante de nós puros, mas, sim, através do olhar do historiador que, na realidade, acaba fazendo uma seleção. Este parece ser o mesmo entendimento de Roger Chartier (1991, p.178) ao afirmar que “toda reflexão metodológica enraiza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico”. Assim sendo, a primeira ocupação de

146 Orientando da Prof. Dr. Maria Regina Candido da UERJ, o Prof. Junio Cesar é pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade - UERJ e faz parte da linha de pesquisa CNPq "Discurso, Narrativa e Representação". Integra também o grupo de pesquisadores do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar da UFF - NEHMAAT, fazendo parte da linha de pesquisa CNPq "Cultura, Economia, Sociedade e Relações de Poder na Antiguidade e na Idade Média" e, ainda, "Usos do Passado no Mundo Moderno e Contemporâneo". O professor ainda é mestrando em História Política, com a linha de pesquisa "Política e Cultura" pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

nossa análise será identificar e situar historiograficamente Roger Chartier, o autor de nosso objeto de estudo.

Roger Chartier nasceu em 1945, em Lyon. Formou-se professor e historiador pela Escola Normal Superior de Saint Cloud e pela Universidade Sorbonne, em Paris. Em 1978, tornou-se mestre conferencista da Escola Superior de Estudos em Ciências Sociais e, depois, diretor de pesquisas da instituição. Em 2006, foi nomeado professor-titular de Escrita e Cultura da Europa Moderna do Collège de France.

Chartier é membro do Centro de Estudos Europeus da Universidade Harvard e recebeu o título de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras do governo francês. Também leciona na Universidade da Pensilvânia, nos EUA, e viaja pelo mundo proferindo palestras. Roger Chartier também já esteve várias vezes ao Brasil.

Em “O mundo como representação”, Chartier se apresenta como historiador, fazendo a seguinte afirmação:

O meu [espaço de trabalho específico] organiza-se em três pólos, geralmente separados pelas tradições acadêmicas: de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contêm a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas (CHARTIER, 1991, p.178).

Roger Chartier (1991, p.178) procura compreender, através de seu trabalho, como nas sociedades do Antigo Regime a circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos e transformou as relações de poder. O recorte historiográfico de sua pesquisa se situa entre os séculos XVI e XVIII.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Roger Chartier tem se dedicado as linhas de pesquisa como: “História das instituições de ensino e das sociabilidades intelectuais”; “História do livro e das práticas de escrita e de leitura”; “Análise e o debate entre política, cultura e cultura popular”; e “Reflexões sobre o ofício de historiador”. Atualmente, Chartier é considerado um autor importante para a historiografia, principalmente para a

História Cultural, onde produziu várias publicações¹⁴⁷ adequadas as suas linhas de pesquisa; parte delas traduzidas para português.

Em nosso objeto de análise, Roger Chartier se direciona para os seguintes objetivos: a) comprovar que não há elementos suficientes para se postular uma crise das ciências sociais em geral; b) apontar os objetivos das novas disciplinas ao promoverem o chamado “assalto” contra a história; c) descrever a dupla resposta dos historiadores; d) diferenciar a história social da cultura da história cultural do social; e) apontar o deslocamento da história para a cultura; f) analisar o encontro e o distanciamento entre o mundo do texto e o mundo do leitor; g) pensar a construção das identidades sociais; h) conceituar representação; i) apresentar o campo de estudo da história cultural; j) analisar as formalidades das práticas do lado da produção ou da recepção; l) compreender as transformações das estruturas da personalidade, as instituições e as regras que governam a produção das obras e a organização das práticas através das relações de poder.

Procurando atingir seus objetivos, Chartier levanta o seguinte questionamento: É possível postular uma crise das ciências sociais?

Com a problemática central apresentada por Roger Chartier surgem alguns problemas corolários, onde se levantam outras questões que norteiam o desenvolvimento de seu artigo, como, por exemplo: Quais os objetivos das novas disciplinas ao promoverem o assalto contra a história? Quais foram as respostas dos historiadores? Existe diferença entre a história social da cultura e a história cultural do social? Como se procedeu o deslocamento da história para a cultura? O mundo do texto é o mesmo do

147 Dentre as principais obras de Roger Chartier se encontram: “*L’Éducation en France do XVI ao XVIII*”, 1976; “*Lectures et lecteurs dans la France d’Ancien Régime*”, 1987; “*Histoire de l’édition française*”, 1989–1991; “*Les Origines culturelles de la Révolution française*”, 1990; “*La Correspondance. Les usages de la lettre au Predefinição*”, 1991; “*L’Ordre des livres. Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre Predefinição*”, 1992; “*Pratiques de la lecture*”, 1993; “*Le Livre en révolutions, entretiens avec Jean Lebrun, Textuel*”, 1997; “*Au bord de la falaise. L’histoire entre certitudes et inquiétude*”, 1998; “*Les origines culturelles de la Révolution Française*”, 1999; “*Histoire de la lecture dans le monde occidental*”, 2001.

leitor? Como devemos pensar a construção de novas identidades? O que é representação? Qual o campo de estudo da história cultural?

Objetivando responder a problemática levantada, Chartier parte da hipótese de que o diálogo entre disciplinas e a importação de métodos e técnicas contraria a idéia de crise das ciências sociais. Para Roger Chartier não há elementos suficientes para se afirmar que as ciências sociais estão em crise; o diálogo interdisciplinar que resultou na importação de métodos e técnicas contraria tal idéia.

As verdadeiras mutações do trabalho histórico não foram produzidas por uma crise geral das ciências sociais nem por uma mudança de paradigma. Mas estão ligadas à distância tomada, nas próprias práticas de pesquisa, em relação aos princípios de inteligibilidade¹⁴⁸ que tinham governado o procedimento do historiador (CHARTIER, 1991, p.176).

Segundo Chartier, os princípios de inteligibilidade que governaram a história foram abalados progressivamente, abrindo caminho para uma pluralidade de abordagens e de compreensões. Com isso, os historiadores renunciaram a descrição da totalidade social e o modelo braudeliano para compreender o social fora do que Roger Chartier (1991, p.176) chamou de “uma partição rigidamente hierarquizada das práticas e das temporalidades e da primazia de um conjunto particular de determinações”. Assim, procurando um outro modo para decifrar as sociedades, a história voltou seus olhos também para os desvios culturais.

Roger Chartier (1991, p.177) entende que, ao renunciar ao primado do recorte social para dar conta dos desvios culturais, a história em seus últimos desenvolvimentos mostrou, que é possível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos sociológicos e que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias de estado e de fortuna. O que, segundo ele, abriu novas perspectivas para se pensar a relação entre as obras ou

148 Os princípios de inteligibilidade que, segundo Chartier, governaram o procedimento do historiador (modelo braudeliano) são: o projeto de uma história global; a definição territorial dos objetos de pesquisa; e o primado conferido ao social (CHARTIER, 1991, P. 176).

práticas e o mundo social; considerando a pluralidade das clivagens de uma sociedade, a diversidade de emprego dos materiais ou dos códigos partilhados. Com isso, Chartier postula as mutações ou deslocamentos dos trabalhos históricos como uma forma de renúncia.

Partindo do exame das práticas de leitura que, segundo Chartier, em sua diversidade, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo usos e significações diferenciadas, ou da história de um texto particular que se direciona a singulares, Roger Chartier sustenta que:

A operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades e que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes) (CHARTIER, 1991, p.178).

Chartier é contra uma definição puramente semântica do texto. As formas produzem sentido, diz ele. Um texto se investe de uma significação que pode ser alterada quando os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem a leitura também mudam. Para Roger Chartier, a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Assim, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. Entretanto, para isso, é preciso considerar que “as clivagens culturais não estão forçosamente organizadas segundo uma grade única do recorte social, que supostamente comandaria tanto a presença desigual dos objetos como as diferenças nas condutas” (CHARTIER, 1991, p.180).

A leitura, diz Chartier, não é somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo; é inscrição num espaço; relação consigo e com o outro. Por isso, segundo ele, não há texto fora do suporte que lhe permita ser lido (ou ouvido); não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor.

Chartier, então, distingue dois conjuntos de dispositivos e os caracteriza como indispensáveis: aqueles que provêm das estratégias de escrita e das intenções do autor; e os que resultam de uma decisão do editor ou de uma exigência da oficina de impressão. “Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 1991, p.182). Com isso, Roger Chartier afirma que o efeito produzido não depende de modo algum das formas materiais que suportam o texto, mas, contribuem para antecipar às feições do leitor em relação ao texto e para evocar novos públicos ou usos inéditos (CHARTIER, 1991, p.182). Assim, Chartier identifica o distanciamento entre a História Social da Cultura e a História Cultural do Social¹⁴⁹.

Dialogando com Ricoeur, Certeau, Foucault, Durkheim, Mauss, Bourdieu e alguns outros autores, Roger Chartier procura validar suas hipóteses e, antes de terminar seu artigo, apresenta conceitos importantes para a prática historiográfica.

Ao abordar as representações coletivas e as identidades sociais, Chartier, partindo do texto, livro e da leitura apresenta uma maneira nova de articular os recortes sociais e as práticas culturais: superar a oposição existente entre as abordagens estruturalistas e os procedimentos fenomenológicos através da consideração dos esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção como verdadeiras instituições sociais que incorporam sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social. Roger Chartier (1991, p.183) também entende que “estas representações são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” conforme postulava Marcel Mauss e Émile Durkheim.

Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de " representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que

149 A História Cultural centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade.

compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p.183).

Para Roger Chartier, dois tipos de abordagens podem ser identificadas: uma tem como fundamento a ideia de que a construção das identidades sociais é resultado da relação de forças entre as representações impostas por quem tem o poder de classificar, bom como, da capacidade de aceitação ou resistência por parte da comunidade; e outra que considera o recorte social, conferindo crédito a representação que cada grupo faz de si mesmo, sua capacidade de se unir e fazer reconhecer sua existência.

Chartier afirma que a relação de representação é a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga. Aplicando este conceito ao Antigo Regime, ele diz que as formas de teatralização da vida social servem como exemplo de um tipo de perversão da relações de representação, pois, "todas visam, de fato, a fazer com que a coisa não tenha existência a não ser na imagem que exibe, que a representação mascare ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente" (CHARTIER, 1991, p.185). A representação, diz Chartier (1991, p.186), aqui se transforma em "uma máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta".

Dialogando com Michel de Certeau e Michel Foucault, Roger Chartier considera que os dispositivos formais, sejam eles textuais ou materiais, inscrevem em suas estruturas as expectativas e as competências dos públicos a que se direcionam e se organizam a partir da diferenciação social. Por isso, as diferenciações culturais devem ser vistas como efeito de processos dinâmicos. Ao mesmo tempo que um texto cria novos públicos e novos usos, também proporciona a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que

compõem uma sociedade, suscitando a busca de novas distinções capazes de marcar os desvios culturais mantidos.

Chartier (1991, p.188) conclui seu artigo dizendo que “é a partir das divisões instauradas do pelo poder que devem ser apreciadas tanto a emergência de uma esfera literária autônoma como a constituição de um mercado de bens simbólicos e de julgamentos intelectuais estéticos”. E que, apesar de se aproximar da História Cultural, sua intenção não é contrariar a tradição dos Annales, mas, “ajudar a reformulara a maneira de ajustar a compreensão das obras, das representações e das práticas às divisões do mundo social que, conjuntamente, significam e constroem” (CHARTIER, 1991, p.188).

“O mundo como representação” de Roger Chartier apresenta fundamentos teóricos importantes para aqueles que se dedicam a História Antiga. Em primeiro lugar, porque uma das grandes dificuldades de se desenvolver pesquisas em Antiguidade, além da distância espaço-tempo-cultural entre o pesquisador e seu objeto, certamente, se trata da pouca quantidade ou da má qualidade material da documentação escrita que chegou até os dias atuais.

Concordando com Marc Bloch que afirmava que “tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” (LE GOFF, 1990, p.89), Roger Chartier ampliou o conceito de fonte histórica, ultrapassando os limites do texto escrito para abordar também as práticas culturais a qual estes estabeleciam ou se inseriam, as formas de produção, reprodução e recepção dos textos. Assim, Chartier valoriza não somente a materialidade, mas, também a oralidade, a forma de ler ou dizer, que segundo ele, em alguns momentos da história e, em determinadas sociedades, foi utilizada para perpetuação do poder.

Em segundo lugar, Roger Chartier, ao desenvolver o conceito de *representação*, permite ao historiador da Antiguidade reconstruir as condições de produção da documentação textual através da prática de produção, leitura e recepção dos textos,

entendendo que existe todo um universo simbólico entorno da documentação, postulado importante para quem trabalha com Antiguidade. O diálogo interdisciplinar, a importação de problemas, técnicas e métodos de outras ciências possibilita, segundo Chartier, a reconstrução das condições de produção e recepção. Chartier, por exemplo, dialoga com a Linguística e com a Teoria Literária com o objetivo de analisar o mundo do texto e o mundo do leitor no Antigo Regime.

Estes são apenas alguns pontos que indicam “O mundo como representação” como um texto útil e importante para a construção de um dispositivo teórico que auxilie o historiador da Antiguidade na interpretação de sua documentação.

BIBLIOGRAFIA

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estud. av. , São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.